

ACTAS

VIII encontro

associação portuguesa de linguística

lisboa 1991

**ACTAS
DO
VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA**

FICHA TÉCNICA

Título: Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística
Organização: Direcção da Associação Portuguesa de Linguística
Impressão e Encadernação: *Colibri* – Artes Gráficas
Tel. 7964038
Faculdade de Letras – Alameda da Universidade
1699 Lisboa Codex
Depósito Legal nº 51 619/91
Capa: João Lavinha
Tiragem: 400 exemplares
Data: Setembro de 1992

O presente texto corresponde à seguinte citação

Teixeira, José (1992). "Levar / Trazer: de antónimos a sinónimos (análise de alguns traços sémicos)", in *Actas do VII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, pp. 445-458.

José Teixeira

Universidade do Minho - Braga

LEVAR / TRAZER:

de antónimos a sinónimos

(Análise de alguns traços sémicos)

Não é meta desta intervenção uma análise teórica sobre as noções de sinonímia e de antonímia. Se alguma intenção houvesse, seria mais a de uma breve reflexão que partindo de dois verbos do português, mostrasse os perigos da aceitação, por vezes demasiado acrítica, das noções tradicionais acima referidas. Uma opinião mais radical até poderia ver, no que à frente se dirá, uma negação da existência da dicotomia sinónimos / antónimos. Mas não é nada disso. Trata-se apenas de uma ligeira atenção dada ao par verbal *levar / trazer*, apontado muitas vezes como um par antonímico e que, no entanto aparece frequentemente como díade sinonímica - coisa em que pouca gente repará.

A perspectiva linguística em que esta análise se insere é a que concebe cada lexia como um conjunto estruturado de unidades mínimas de significado: os semas ou os classemas (a conjugação é disjuntiva). Por isso mesmo, a melhor maneira de se analisar os sememas dos dois verbos em questão será a de um levantamento dos respectivos semas/classemas que

os compõem.

O verbo *levar* é, sem dúvida, um dos verbos de movimento com maior rendimento funcional, para empregarmos um conceito que A. Martinet usa aplicado à fonética. Juntamente com *trazer*, forma o par mais utilizado, imediatamente a seguir à dupla *ir - vir*, n'Os *Lusíadas* (1). Num estudo de ocorrências verbais (de verbos de movimento) feitos em cinco jornais brasileiros, o verbo *levar* aparece logo a seguir a um grupo constituído por verbos que funcionam muitas vezes como auxiliares: *ir - chegar - vir*.(2)

Este facto leva a que o verbo possua um leque muito amplo de possibilidades sémicas, como facilmente se poderá comprovar, vendo algumas inserções sintagmáticas:

- 1) *Ele leva uma carta ao irmão.*
- 2) *A chuva leva-me a ficar em casa.*
- 3) *Levou muito tempo a responder.*
- 4) *Ele leva muito dinheiro à hora.*
- 5) *Ele levou muita pancada.*

Perante conteúdos tão díspares, pode tornar-se difícil encontrar um conjunto sémico comum a todas as ocorrências do verbo *levar*. Naturalmente que isto constitui um problema muito importante para uma análise sémica. Sem semas comuns que formem uma invariante, não haverá um lexema, mas vários lexemas. E mesmo o reconhecimento de semas comuns, tem de atender ao facto de que nem todos têm o mesmo "peso", digamos, dentro do(s) sememas(s). E não queremos entrar aqui em problemas de delimitação sémico-lexemática como a homonímia e a

polissemia, problemas interessante², sem dúvida, mas que estão fora do âmbito destas páginas.

Partamos, por conseguinte, da admissão do facto de que o(s) verbo(s) empregado(s) de 1) a 5) poderá(ão) conter um núcleo sémico comum; núcleo sémico esse que tem de ser constituído não por quaisquer semas, mas por aqueles que mais individualizem o verbo *levar*: aqueles que possam ser considerados os semas nucleares comuns aos vários usos de tal verbo. São, quanto a nós, o sema que pressupõe que o estado de coisas que o verbo refere implica um objecto inserido no domínio espacial do sujeito desse mesmo estado de coisas ($O \subset SU$), (podendo abranger este sema um valor concreto e um valor abstracto) e um outro que transporta a noção de afastamento de um ponto de referência inicial [afastamento do Pr]

Convém, com certeza, esclarecer aqui o que é que entendemos por *ponto de referência* (Pr). Uma grande parte dos verbos de movimento organiza-se à volta deste mesmo traço; quer dizer: o movimento expresso por tais verbos - como *levar* e *trazer* - é um movimento referenciado a um determinado ponto, conceptualmente entendido como o ponto do início de determinado estado de coisas. Simbolizámos esse ponto de início por Li.

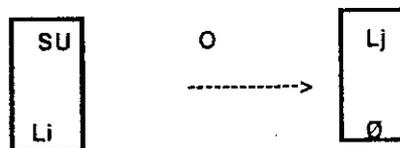
É necessário considerar um Li e não apenas L, já que se tem de admitir a hipótese (confirmável em muitos casos) de o estado de coisas fazer referência a um movimento entre um ponto tido como de início, até a um ponto considerado como o fim desse mesmo estado de coisas. Por conseguinte, um movimento Li -> Lj. Este Li tanto se poderá situar no domínio do sujeito do estado de coisas, como no do sujeito da enunciação.

No verbo *levar*, no entanto, a visualização deste sema [+afastamento do Pr], nem sempre é imediata. Talvez por influência do verbo que com ele forma o dito par antonímico, *trazer*, o Pr (Ponto de Referência) de *levar*

não é situável, por evidência, em Li (Local inicial) do sujeito verbal. (Como veremos ao analisá-lo, trazer é um dos verbos em que Pr é Li do sujeito da enunciação e não do sujeito verbal.) No entanto uma verificação atenta do verbo *levar* permite constatar que Pr=Li SU verbal:

1) <i>Ele</i>	em Li <i>leva</i>	<i>uma carta</i>	->Lj=	<i>irmão</i>
2) <i>A chuva</i>		<i>-me</i>		<i>ficar em casa</i>
3) <i>(Ele)</i>		<i>muito tempo</i>		<i>responder</i>
4) <i>Ele</i>		<i>muito dinheiro</i>		∅
5) <i>Ele</i>		<i>muita pancada</i>		∅

É evidente que Li de 1), 2), 3), 4) e 5) é identificável com o ponto espaço-temporal em que se situa o início do estado de coisas englobado por *levar*. Em suma, depreende-se que o sema [+afastamento do Pr] é, em *levar*, portador de uma carga semântica que poderá ser formalizada como



ou seja:

um sujeito situado num local de início do estado de coisas (Li) afasta-se com um objecto desse ponto inicial. O local posterior e final do estado de coisas pode existir (Lj) ou não (∅).

O outro sema que, quanto a nós, juntamente com este, constitui o cerne

sémico de *levar*, é o sema que indica a presença do objecto dentro do domínio do sujeito, aqui indicado como $O \subset SU$

Este sema é tão importante que é a ele, podemos dizer, que os outros se subordinam. Todo o aglomerado sémico presente em *levar* aponta para (e simultaneamente resulta de) um destaque sémico: o de algo (objecto) que se insere no domínio de um actante e que permanece dentro desse domínio.

E isto é tanto assim, que mesmo o sema a que anteriormente nos referimos [+afastamento do Pr] se estrutura dentro do estado de coisas em função daquele mesmo sema. Quer dizer, quando o objecto sai para fora do domínio do sujeito, cessa o estado de coisas. Podemos dizer, portanto, que deixando de *funcionar* o sema [$O \subset SU$] o estado de coisas acaba.

No entanto, nem sempre aparece um termo, um ponto de chegada, para este mesmo sema. Quando esse termo aparece inserido na linha sintagmática (- e tem que aparecer já que o estado de coisas não o pressupõe) ele funciona como Lj:

6) *Ele levou um livro para casa.*

Repare-se que o aparecimento de Lj dentro do estado de coisas significa o fim desse mesmo estado de coisas, já que o objecto deixa de pertencer ao domínio do sujeito. Quer dizer, o fim de [$+O \subset SU$] é o fim de *levar*. No entanto, não é obrigatório que este sema termine, dentro do estado de coisas, num Lj, já que o verbo pode não o exigir:

7) *Ele levava as calças rotas.*

Neste caso o ponto terminal (Lj) não pertence ao estado de coisas de *levar*

(Ø) e o verbo é interpretado numa perspectiva de processo a tender mesmo para um estado. Vejam-se frases onde este facto se confirma, como:

8) *Ele leva uma vida difícil.*

9) *Ele leva um braço ao peito.*

Note-se que esta versatilidade de *levar*, quanto ao sema [O < SU], é possível porque o verbo não exige no seu estado de coisas um ponto terminal, aquilo que se pode designar por *meta*. É um verbo com o traço sémico [-meta]. (O que não significa que a positividade deste sema ([+meta]) não possa aparecer sintagmatizada).

Relativamente aos classemas, um que parece ser importante na sémica do estado de coisas é o classema [intencionalidade]. Como ele se realiza positivamente, [+intencionalidade], parece dividir os vários usos de *levar* em dois grandes blocos. Atente-se no modo como este classema se comporta em função do sema que antes analisámos, o sema [O < SU]. Parece que quando este verbo tem um Lj expresso no sintagma é seleccionado [+intencionalidade]:

10) *Ele levou as flores para a sala.*

Esta vertente é corroborado pelo facto de ser necessário explicitar a não-intencionalidade quando aparecer *levar* com Lj. Veja-se:

11) *Ele levou-a às lágrimas.*

12) *Ele levou a doença para casa.*

A interpretação mais plausível será a de atribuir uma intencionalidade ao sujeito de *levar*. Se se pretendesse referir a não intencionalidade, dever-se-ia explicitá-la nas frases:

11') *Ele, sem querer, levou-a às lágrimas.*

12') *Ele, sem saber, levou a doença para casa.*

Por vezes, contudo, encontram-se frases que parecem desmentir o que até aqui dissemos:

13) *Ele levou a camisa rota para a reunião.*

Numa interpretação perfeitamente admissível atribui-se a *levar*, aqui, a não-intencionalidade ("*Ele não tinha a intenção de levar a camisa rota para a reunião.*") Se assim fosse, ficaria invalidado o que atrás dissemos acerca da relação entre a existência de um Lj e a selecção de [+intencionalidade].

No entanto, uma reflexão mais atenta poderá mostrar que não é bem assim. Na realidade, 13) não contém *levar* com o traço [-intencionalidade], mas sim o inverso. Veja-se que há, no fim de contas, dois objectos a serem considerados na frase:

Objecto 1 (O1) = *camisa*

Objecto 2 (O2) = *camisa rota.*

Para O1 haverá [+intencionalidade]. Apenas para O2 existirá [-intencionalidade]. Ora para o sujeito do estado de coisas expresso por *levar* em 13) o objecto existente é o O1 e não o O2.

Passemos agora ao verbo *trazer*. Como atrás já fizemos referência, este verbo, tal como *levar*, é um dos mais utilizados na língua portuguesa. No já atrás citado estudo de Gládis Knak Rehfeldt (2), contudo, nota-se uma discrepância bastante acentuada relativamente à frequência de uso deste verbo comparativamente com *levar*. Assim, enquanto em *Os Lusíadas* *trazer* é mais utilizado que *levar* (respectivamente 84 e 80 ocorrências) na amostra que espelhará o português contemporâneo do Brasil (estudo feito em cinco jornais) regista-se o inverso: *trazer* é muitíssimo menos utilizado que *levar*. Deste aparecem 308 ocorrências e daquele apenas 32. E se uma obra isolada pode não ser o reflexo exacto dos usos lexicais de uma época, o facto é que em vinte obras quinhentistas analisadas por A. G. Cunha (1), o verbo *trazer* mostra-se, em frequência, muito próximo de *levar* (respectivamente 17º lugar para *levar* e 24º para *trazer*, considerando todos os verbos e não apenas os de movimento).

Parece lícito concluir disto tudo que no português quinhentista e seiscentista, *levar* e *trazer* teriam um rendimento funcional muito semelhante, ao passo que hoje em dia este último verbo, se bem que ainda de bastante frequência, é muito menos usado que aquele.

Serve esta constatação para nos confirmar o facto de reconhecermos hoje que *trazer* possui um leque de usos polissémicos muito menor que *levar*. Recordemos as construções 1) a 5) de *levar*, já atrás inseridas (aqui assinaladas com L1) - L5):

- 1) *Ele leva uma carta ao irmão.*
- 2) *A chuva leva-me a ficar em casa.*
- 3) *Levou muito tempo a responder.*

4) *Ele leva muito dinheiro à hora.*

5) *Ele levou muita pancada.*

Repare-se que de todos estes usos, só L1) terá correspondência em *trazer*:

14) *Ele leva (traz) uma carta ao / para o irmão.*

15) *A chuva leva-me (*traz-me) a ficar em casa.*

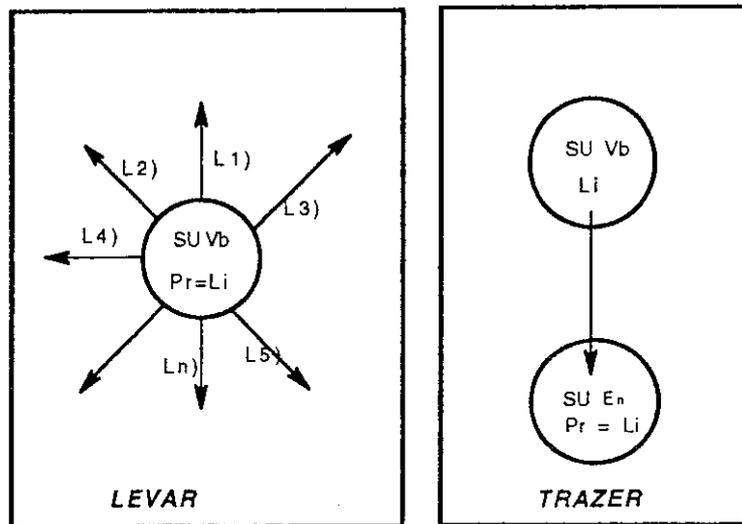
16) *Levou (*troux) muito tempo a responder.*

17) *Ele leva (*traz) muito dinheiro à hora.*

18) *Ele levou (*troux) muita pancada.*

Quanto aos outros usos, facilmente se verifica que *trazer* não admite a variedade polissêmica que o seu oposto comporta. O sentido presente em 14) é praticamente o único uso que este verbo possui. Isto poderá parecer estranho na medida em que, à primeira vista, este verbo (*trazer*) é entendido como o oposto de *levar*: este pressupõe um movimento de afastamento do ponto de referência, enquanto naquele o movimento é de aproximação, traduzido por [-afastamento Pr]. No entanto, a variedade polissêmica de *levar*, por oposição ao quase monismo sémico de *trazer*, é o reflexo de que este último verbo não é o simétrico semântico daquele. Na verdade, a grande diferença entre eles não é somente a oposição [+afastamento Pr]/[-afastamento Pr], ou seja, a direcção do movimento relativamente ao Pr, mas sim o situar desse mesmo Pr. Enquanto *levar* situa o Pr no espaço do sujeito verbal, *trazer* situa-o no do sujeito da enunciação. É este facto que aliado a [+afastamento Pr] favorece a polissemia de *levar* por oposição a *trazer*. Em esquema poder-se-

ia explicar melhor:



SU Vb = Sujeito verbal

Pr = Ponto de referência

SU En = Sujeito da enunciação

Como se verifica pelo esquema, o facto de o estado de coisas de *levar* considerar o movimento a partir do Pr do sujeito verbal e porque não há um ponto final pré-definido, torna possível a existência de várias acepções polissémicas, na medida em que cada uso do verbo se pode "orientar" para uma sémica diferenciada relativamente aos outros usos. Em *trazer* a situação é a inversa: ao contrário do que acontece em *levar*, o estado de coisas orienta-se relativamente a Li do sujeito da enunciação.

Por conseguinte, em vez da pluralidade de vectores de expansão do estado de coisas temos apenas uma única orientação sémica. Dito por outras palavras: há várias orientações para o movimento que começa em Li (do sujeito) de *levar*; mas há apenas uma direcção do sujeito de *trazer* relativamente a Li do sujeito da enunciação.

Ligado a isto, está também o facto de *trazer* se opor a *levar* em virtude do sema [meta]. Se como vimos atrás, este verbo não implicava (embora o pudesse admitir) no seu estado de coisas o traço "ponto final do movimento", o verbo agora em análise implica-o necessariamente. Esta necessidade decorre também da diferença da localização do Pr nos dois verbos. Se em *levar* o Pr é Li do movimento, em *trazer* o Pr é Li do enunciador, que equivale a Lj do movimento. Isto implica, por conseguinte, que em *trazer*, como o Pr é o termo para o qual tende o movimento, exista sempre o traço [+meta]: na verdade, terá que haver sempre Li /enunc. e este coincide, no estado de coisas deste verbo, com a positividade de [meta].

Há, no entanto, construções onde o verbo *trazer* funciona praticamente como sinónimo de *levar*.

19) *No desfile ele levava uma camisa amarela.*

20) *No desfile ele trazia uma camisa amarela.*

Este facto explica-se perfeitamente em virtude de em 19) e 20) apenas funcionar um dos semas fundamentais destes verbos, concretamente o sema [Oc SU], [objecto contido no domínio do sujeito], que⁺ pode anular um outro sema de enorme importância nos estados de coisas destes verbos, o sema [+afastamento Pr]. E neste caso, e outros do género, é

possível uma interpretação de 20) não considerando [-afastamento Pr] e mesmo [+meta], dois semas em outros casos fulcrais na estruturação sémica de *trazer*. Não podemos, no entanto, entender este facto como se de anulação ou substituição pura e simples daqueles dois semas se tratasse. *Levar* nunca poderá ter [-afastamento Pr] ou *trazer* [+afastamento Pr].

Há, contudo, uma alteração sémica importante em *trazer*: é que na acepção de 20), o verbo pode não ter um ponto de referência espacial. Assim, o estado de coisas de *trazer* não é idêntico ao de 14), deixando aquela variante de ser um verbo de movimento referenciado relativamente ao sujeito: passa a significar apenas *sujeito portador*. Será que ainda o podemos considerar como o mesmo verbo? Começará já a ser uma variante polissémica com existência lexical? Talvez homonímia?

Destas e doutras questões afins, sem dúvida muito interessantes, não nos devemos ocupar agora. Mas quer-nos parecer que a análise sémica terá um papel fundamental no estabelecimento de possíveis fronteiras entre aqueles fenómenos linguísticos.

As reflexões atrás apresentadas para mais nada foram feitas senão para mostrarem a importância de se encontrarem pistas de compreensão do funcionamento sémico dos elementos léxicos da língua. É evidente que pretender descobrir a chave final das concatenações semânticas é um objectivo demasiadamente ambicioso para ser atingido, pelo menos para já, pela Linguística. No entanto, pensamos ser essa uma das grandes metas que a ciência da linguagem deverá perseguir. A linguagem é, por essência, significativa - sémica, poder-se-á também dizer. Ora a compreensão do funcionamento desta faceta é fundamental, quanto a nós, para se chegar à essência e ao funcionamento da própria linguagem. As ciências

linguísticas não se devem apenas debruçar sobre (digamos) a organização macro-molecular. Sem se compreender a estruturação sémica / semémica (que será a parte "atômica", a parte básica e mais primitiva de organização) não se perceberá cabalmente o que é, e como se realiza essa mesma linguagem. Ora os semas são os átomos da significação. Para se compreender esta, é certamente necessário tentar perceber aqueles.

E o que é que, então, a este respeito, nos poderá sugerir aquilo que para trás deixámos?

Em primeiro lugar, que é evidente que o agrupamento sémico não se faz através de amontoados (*clusters*), mas de inter-relações (*configurations*). Quer dizer, cada semema não é um conjunto, apenas, de unidades menores, os semas, mas antes tem que ser visto como um micro-sistema onde os semas se inter-relacionam. A dificuldade estará em verificar como funciona este entrecruzar-se sémico. Existirá uma autêntica sintaxe sémica que ordene funcionalmente os traços em que cada lexia se (de)compõe? Será, talvez, difícil provar que sim, ou, também, demonstrar o inverso.

O que não parece difícil de confirmar é que dentro do semema a importância dos semas não é idêntica, mas variável. Há sempre em cada lexema determinados semas que são fundamentais e insubstituíveis, enquanto outros se apresentam como menos importantes ou mesmo com a possibilidade de poderem ser substituídos. É neste âmbito que se insere a presente atenção ao par *levar* / *trazer*, apresentado como um par antonímico, na medida em que se considera o sema [afastamento do Pr], positivamente em *levar* e negativamente em *trazer*, o sema fulcral para a referida oposição. Há aqui, nitidamente, um fenómeno de anulação sémica de um traço que, aparentemente, é um dos fundamentais na estruturação

dos respectivos sememas. Será que isto é um fenómeno esporádico ou sistemático? Quando tal acontece, poder-se-á considerar que os semas neutralizados são pura e simplesmente eliminados, ou ficam apenas em latência de actualização no semema, ganhando outros a importância que aqueles detinham? Verifique-se que, nos exemplos citados, o sema [objecto contido no domínio do sujeito] (O \subset SU) que normalmente não tem mais importância que o sema [afastamento do Pr], anula, naqueles casos, este último.

Este facto serve também, por outro lado, para demonstrar que quando aparece anulado determinado sema que usualmente detém grande importância no semema, há imediatamente outro que ocupa o seu lugar. Quer dizer que há uma espécie de proporcionalidade inversa entre determinados semas ou entre estes e certos classemas.

Todas estas (e outras) relações sémicas terão uma maior e melhor compreensão quanto maior for também o nosso conhecimento a respeito do funcionamento sémico das unidades lexicais da língua.

Se a tarefa do conhecimento dos mecanismos sémicos da linguagem nos parece hoje muito distante e mesmo, para alguns, impossível, isso só deve ser visto como um incentivo. Até porque, com o tempo, como alguém disse, o impossível torna-se possível, o possível provável e o provável realidade.

(1) CUNHA, A. G. (org.) (1966), *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, INL/MEC, Rio de Janeiro.

(2) REHFELDT, G. K. (1980), *Polissemia e Campo Semântico*, URGs, Porto Alegre.